

Culto e Devoções das Igrejas dos Jesuítas em Portugal

Fausto Sanches Martins

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

1 – Princípio de Identidade da Companhia De Jesus

O tema que nos propusemos abordar, de forma sintética, com as limitações óbvias de âmbito temático, cronológico e geográfico, decorre do princípio de identidade da Companhia de Jesus que importa assentar desde início¹.

Dentro da metodologia que lhes era característica, os primeiros Jesuítas interrogavam-se: Quem somos? Que somos? Donde viemos? As respostas às três perguntas fundamentais derivam de três documentos básicos da Companhia de Jesus.

– *Formula Instituti*: 1539, 1540, 1550.

– *Constituições da Companhia de Jesus*.

– *Autobiografia de Santo Inácio*: 1553-1555.

A alusão a estas três fontes primárias impõe que se estabeleça, desde já, uma diferença essencial relativa às Ordens Religiosas que antecederam a Companhia de Jesus. Enquanto os Beneditinos, Franciscanos e Dominicanos possuíram uma Regra inicial, emanada directamente dos Fundadores, no caso da Ordem dos Pregadores, da Regra de Santo Agostinho, completada por Constituições posteriores, na Companhia de Jesus, o Fundador é o autor da *Formula Instituti* e, simultaneamente, das *Constituições*, bem como da *Autobiografia*, redigida entre 1553-1555, a pedido dos Padres Polanco e Nadal que desejavam possuir, à imitação das Ordens citadas, um texto espiritual do Fundador.

¹ John, O'MALLEY, *Los Primeros Jesuitas*. Bilbao, 1993, 89.

1.1. Modo nostro

Desde os começos, os seguidores de Santo Inácio assentaram os princípios orientadores da própria identidade, rejeitando certos regimes de vida religiosa.

Por isso afirmaram, claramente, que: não eram monges. Os mosteiros seriam substituídos por casas, residências e colégios; as celas por cubículos; dispensavam a sala capitular sem que isto significasse a abolição da prática da correção fraterna ou a prática da penitência como meio privilegiado da ascese cristã. No confronto com as Ordens monásticas e conventuais, a abolição da recitação, em coro, do Ofício Divino constitui a nota mais saliente. Uma decisão muito criticada pelas outras Ordens, mas assumida, plenamente, por Santo Inácio porque a assistência ao coro os impedia da actividade apostólica permanente, exigida pelo carisma de evangelizadores livres e instáveis. Os aspectos cultuais e levíticos do ministério sacerdotal: coro, missas solenes, outros ofícios cantados, que constituíam ocupação essencial de Monges, Cónegos Regrantes e membros de Ordens Conventuais, nunca se enquadraram nos meios de evangelização, utilizados pela Companhia de Jesus.

Os Jesuítas não eram monges, mas recusavam, igualmente, assumir as responsabilidades paroquiais. Não pelo receio de perderem o privilégio de jurisdição, relativamente aos Bispos, mas porque consideravam que as actividades paroquiais, sobretudo a partir das exigências do Concílio de Trento, obrigá-los a um regime de estabilidade e a uma prática ritual-sacramental que contrariava os seus objectivos apostólicos.

No âmbito das ocupações impróprias, as Constituições² referem-se às proibições do exercício de Confessor Ordinário de Religiosas e Capelarias de missas de fundações, aduzindo como motivo explicativo o facto de constituírem um obstáculo ao carácter missionário e disponibilidade apostólica da Companhia.

São compreensíveis as normas das Constituições quando proíbem aos membros da Companhia ocuparem-se em negócios seculares: testamentos, pro-curações, etc³.

Ao perfil negativo já traçado, a *Formula Instituti* (1539-1540-1550) contrapõe o verdadeiro perfil da pessoa que pretende ingressar como religioso na

² Ao longo do nosso trabalho, citamos pelo texto: *Constituições da Companhia de Jesus* – Tradução e notas de Joaquim Mendes Abranches, S. J., Lisboa: 1975, Const. 586-594.

³ *Const.* 591.



Fig. 1 – Santo Inácio e Paulo III na aprovação da Companhia de Jesus.
Anónimo. Sacristia do Gesù - Roma.

*Companhia: Todo aquele que pretende alistar-se sob a bandeira da Cruz, na nossa Companhia, que desejamos se assinalar com o nome de Jesus para combater por Deus e servir somente o Senhor e ao Romano Pontífice, seu Vigário na terra, depois do voto solene de perpétua castidade persuada-se que é membro da Companhia*⁴.

Ao interpretarem estas palavras, muitos quiseram sublinhar o “carácter militar” que Santo Inácio quis imprimir à sua Ordem. Contudo, António Aldama, porventura o melhor comentador deste texto, afirma, expressamente, que *militare Deo*, “alistar-se sob a bandeira da Cruz”, constituía a fórmula para designar a vida religiosa na Idade Média, conforme se comprova pelas palavras

⁴ *Constituições da Companhia de Jesus*, 19.

de S. Bento, no prólogo da Regra aos Noviços: *Vai guerrear por Cristo Rei verdadeiro*⁵.

Importa, igualmente, eliminar a carga simbólica de pendor militar que muitas vezes se pretende atribuir ao termo “Companhia” que, no contexto do século XVI, servia, essencialmente, para designar, de forma genérica, uma associação piedosa, que proliferavam na Itália, com especial relevo, para a “Companhia do Amor Divino”⁶.

Oportunamente o vocábulo “Companhia” foi traduzido para latim por “Societas”, composta por “Socii”, da mesma forma que os “Fratres” das Ordens Conventuais.

Esta “Societas” fora assinalada, expressamente, por Santo Inácio de Loiola com o “Nome de Jesus” a quem somente se pretende servir. Esta designação chegou a levantar problemas de carácter teológico: como explicar a designação de *Companheiros de Jesus*? Em 1556, Roma teve que responder a uma dificuldade levantada pela Faculdade de Teologia de Paris: *Não se designa Companhia de Jesus pelo facto de nos transformarmos companheiros de Jesus, mas sim da mesma forma que um esquadrão toma o nome do seu chefe, a quem por Instituto desejamos seguir*⁷. O título de “Companhia de Jesus” viria, posteriormente, a ser confirmado pelo Papa Gregório XIV, através da bula *Ecclesiae Catholicae*.

1.2. Fins da Companhia de Jesus

Paralelamente à definição do carácter da Companhia de Jesus, torna-se absolutamente necessária a explicitação dos fins que pretende alcançar para a concretização da sua própria identidade.

Nas primeiras redacções de 1539 e 1540, da “Formula Instituti”, fala-se no *aperfeiçoamento das almas na vida e na doutrina cristãs, e para a propagação da fé*⁸.

Na redacção de 1550, acrescentou-se, para além da “propagação da fé”, o termo *ad defensionem*, e alterou-se a enumerações dos fins: pareceu mais lógico apresentar, em primeiro lugar, *a defesa e propagação da fé*, seguindo-se o *aperfeiçoamento das almas na vida e na doutrina cristãs*.

⁵ Antonio M. ALDAMA, *Notas para un comentario a: La Formula del Instituto dela Compañia de Jesus*. Roma: Centrum Ignatianum Spiritualitatis, 1981, 44.

⁶ *Ricerche per la Storia Religiosa di Roma*, 6. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1985, pp. 203-206.

⁷ Antonio M. ALDAMA, *Notas para un comentario...* ed. cit., 45.

⁸ *Constituições da Companhia de Jesus*, 19-20.



Ignatij in Septemtrionis res apprime intenti studio, ac precibus Iulius III. Pont. Max. Collegium Germanicæ iuuentutis non minori Ecclesiæ Romanæ ornamento, quam Germaniæ præsidio Romæ condidit.

64

Fig. 2 – Santo Inácio apresenta a Júlio III o projecto do Colégio Germânico.
P. P. Rubens - J. B. Barbé - Vita Beati P. Ignatii Loiolæ, 1609.

1.3. Meios para alcançar os fins

Para obter o verdadeiro retrato de identidade da Companhia de Jesus faltava, apenas, assinalar os “meios específicos” adoptados para alcançar os fins mencionados.

Também, neste capítulo, assistimos a alterações sucessivas: Na “Formula de 1539”, enumeram-se:

- Ministério da palavra: Diz-se, *nominatim*, expressamente, por meio do ensino da doutrina cristã às crianças e ignorantes (*pueri et rudes*);
- Exercícios espirituais;
- Obras de Caridade.

Na “Formula de 1540” acrescentam-se os termos de *pregações públicas* e a *consolação espiritual dos fiéis cristãos, ouvindo as suas confissões*.

Por seu lado, a “Formula de 1550” introduziu vários matizes.

- Distinguiu os *Ministérios espirituais*;
- Tradadou para o parágrafo seguinte as Obras de Caridade;
- À *Pregação* acrescentou as *Lições*, isto é, explicações parenéticas da Sagrada Escritura, as *Confissões* e *administração de Sacramentos*, insistindo-se no aspecto da *Consolação* do Sacramento da Penitência.

John O’Malley identifica a actividade ministerial dos Jesuítas com os conteúdos de Mateus (capítulo 10) e de Lucas (capítulo 9): Efectivamente, lendo os dois textos, descobrimos quatro pontos-chave comuns: Tal como os doze Apóstolos, os Jesuítas são *enviados*; para *pregar o Evangelho*, isto é, comprometidos nos diversos ministérios da Palavra de Deus; para *curar os enfermos*, aliviá-los dos males corporais e espirituais; *sem* buscar qualquer *recompensa económica* (Pobreza)⁹.

2. Culto e práticas devocionais da Companhia de Jesus

Estes quatro vectores, que regiam a actividade apostólica dos Jesuítas, ajudam-nos a descobrir as linhas essenciais que configuravam a prática cultural e devocional que, por sua vez, ditariam as diversas expressões iconográficas.

⁹ John, O’MALLEY, *Los Primeros Jesuitas*, ed. cit., 112-113.

2.1. Vida cultural

Consultando as fontes primárias já mencionadas, verificamos a existência de um conjunto diversificado de normas consoante os destinatários pertencessem aos escolásticos, alunos externos ou ao grupo dos que já estavam incorporados, através dos votos, na vida religiosa comunitária.

Para os escolásticos, as Constituições são explícitas quanto ao tempo e modo de oração, estabelecendo, como princípio regulador, que *o ardor do estudo não venha a entibiar o amor das virtudes sólidas da vida religiosa; mas por outro, as mortificações, orações e meditações prolongadas devem ter menos lugar neste período*¹⁰.

Assentado o princípio geral, prescreve-se aos escolásticos a *confissão e comunhão semanal, a missa diária e uma hora de oração*, incluindo os *dois exames do meio-dia e da noite* e a recitação das *Horas de Nossa Senhora* ou *Ofício Parvo*. Para os que não soubessem ler – como acontecia com muitos dos irmãos coadjuutores temporais –, substituíam o “Ofício Parvo” pelo *Rosário* ou *Coroa de Nossa Senhora*.

Os alunos externos deviam acompanhar a formação cultural com as práticas de piedade: *confissão mensal, missa diária e sermão nos dias de festa* (481). Contudo ninguém devia ser forçado, nem devia ser expulso pelo facto de não querer assistir a estes actos de piedade, com tal de que o seu comportamento fosse bom e não escandalizasse os outros (482).

Quanto aos professos da vida religiosa, estavam particularmente obrigados a buscar a *união com Deus* através dos *Exercícios de vida interior*, como a *oração* e a *meditação*, unindo as práticas da vida ascética: *jejuns, vigílias* e outras austeridades e penitências corporais, acrescentando-se, de seguida, que os excessos nesta matéria, não debilitem as forças físicas (582).

A fim de atingirem o verdadeiro ideal da espiritualidade, recordava-se a frequência dos sacramentos: *Não se deferirá* por mais de oito dias a *comunhão* ou a *celebração da missa* e confessar-se-ão, sempre, com o mesmo confessor, “assinalado pelo superior” (584).

Numa das Constituições¹¹, estabelece-se o princípio regulador da recitação do Ofício Divino, já referido. Podemos incluir neste item, a devoção da *Renovação dos votos* que tinha lugar por volta do Natal e da Páscoa, precedida de um tríduo de preparação e a recitação diária das *Ladainhas de Nossa Senhora*, na capela doméstica.

¹⁰ *Const.* 324-345.

¹¹ *Const.* 586.



Fig. 3 – A Trindade Celeste e a Trindade Terrestre, uma devoção promovida pela Companhia de Jesus Hieronimus Wierix, Séc. XVI.



Fig. 4 – Santo Inácio e a Visão de "Storta". Domenichino e colaboradores - Capela Farnese da Casa provincial de Roma.



*Fig. 5 – Adoração da Santíssima Trindade.
Jacopo da Ponte. Capela da Trindade do Gesù, Roma.*

2.2. Práticas devocionais

Expostas as coordenadas que configuravam a vida cultural da Companhia, avançamos para a explanação sintética das *práticas devocionais* que fundamentarão a espiritualidade dos seus membros e determinarão, de forma decisiva, a iconografia das suas igrejas, patente nos retábulos das capelas.

A prática devocional da Companhia orienta-se, de forma clara, em quatro vertentes: *Trinitária, Cristológica, Mariana e Hagiográfica*.

2.2.1. Devoção Trinitária

A Trindade na espiritualidade Inaciana constituiu o tema da “4ª Semana da Espiritualidade Inaciana”, organizada, em 2000, pela Província Portuguesa da Companhia de Jesus. Centrada na figura de Santo Inácio, exploraram-se, sobretudo, os textos do *Diário Espiritual* (1544-1545) e da *Autobiografia*, ditada por Santo Inácio ao Padre Luís Gonçalves da Câmara, entre 1553-1555¹².

Conhecem-se dois textos que revelam a sedução e obsessão de Santo Inácio pelo Mistério da Santíssima Trindade, levando-o a certa altura, a dizer: *Durante o dia, mesmo andando pela cidade, sentia muita alegria interior; tornando-se-me presente a Santíssima Trindade sempre que via três criaturas racionais, ou mesmo três animais, ou quaisquer outras três coisas e assim sucessivamente* (Diário, 19 de Fevereiro de 1544, nº 55).

A revelação decisiva do Mistério Trinitário operou-se, através da visão de 14 de Julho de 1537, em La Storta, que acabaria por alterar, de forma definitiva, o rumo da vida de Santo Inácio: *Estando, um dia, numa igreja a fazer oração, a algumas milhas da chegada a Roma, sentiu uma tal mudança na sua alma e viu tão claramente que Deus Pai o punha com Cristo, seu Filho, que não se atreveria a duvidar disto, senão que Deus Pai o punha com o Filho*.

A devoção trinitária não era exclusiva de Santo Inácio. O seu primeiro companheiro, Pedro Fabro, no dia 15 de Janeiro de 1546, anotava nas suas “Memórias Espirituais”: *Pedia também que a Santíssima Trindade (que é uma única essência) tomasse posse com a sua Unidade do meu coração e que difundisse os seus atributos pessoais nas minhas três faculdades: memória, inteligência e vontade*¹³.

¹² *Actas da 4ª semana de estudos de Espiritualidade Inaciana – A Trindade na Espiritualidade Inaciana*. Braga: Editorial A. O., 2001.

¹³ Pedro FABRO, *Memórias Espirituais*. Escritos del primer compañero de IGNACIO DE LOYOLA, Valencia, 37.

Manuel Ruiz Jurado, na introdução que antecede o texto do “Diário Espiritual de S. Francisco de Borja” (1564-1570), refere que a Trindade das pessoas divinas está constantemente presente no “Diário”, realçando o poder do Pai, a sabedoria do Filho e a bondade do Espírito Santo. Em Outubro de 1565, escreve o Santo: *Alabaré la potencia del Padre que lo obro em mí y la sapiencia del Hijo que me llevó por admirables caminos hasta llegarme al puerto de la salud de la penitencia; y a la bondad del Espíritu Santo, que suplió mis faltas, curó mis llagas, y dió vida de amor a la dureza de mi corazón*¹⁴.

Outro dos principias biógrafos de São Francisco de Borja, Candido Dalmares, refere vários factos que testemunham o apreço e devoção do Santo de Gandía pela Santíssima Trindade: Consagra-Lhe os dias da semana; oferece-Lhe missas; dirige-Lhe petições e dedica-Lhe as três casas de Roma: *Al Padre, la casa profesa; al Hijo, el colégio; al Espíritu Santo, el noviciado*¹⁵.

A Companhia de Jesus promoveu a devoção à dupla Trindade: Celeste e Terrestre. No Colégio de Santo Antão existia a Congregação de «Jesus, Maria e José», e no Colégio de Coimbra um altar, no braço do transepto da Epístola, que testemunham este culto e devoção genuinamente jesuíta.

2.2.2. Devoções Cristológicas

No âmbito cristológico, queríamos salientar, apenas, dois aspectos que dominaram a espiritualidade dos Jesuítas dos primeiros anos: *a piedade eucarística e a devoção à Cruz de Cristo*.

Quanto à *piedade eucarística*, mais que insistir no carácter sentimentalóide, evidenciado nas páginas do “Diário” de Santo Inácio de Loiola em que alude frequentemente ao fenómeno das lágrimas – mencionam-se 175 vezes – importa, sim, seguindo o pensamento de John O’Malley, enquadrar este tema no contexto de discussão teológica do século XVI acerca da frequência da comunhão.

Ao falarmos das práticas culturais da Companhia, expusemos as normas, consignadas na “*Formula Instituti*” e *Constituições*, que regulavam esta matéria no concernente à comunhão dos escolásticos estudantes externos. Na primeira metade do século XVI, o tema eucarístico não incidia tanto na discussão das diversas manifestações da presença real, quanto nas diferentes concepções relativamente à frequência da comunhão. Algumas Ordens, muito próximas dos Jesuítas, tais como Barnabitas, Teatinos mostraram-se apologistas da comunhão

¹⁴ SAN FRANCISCO DE BORJA – *Diario Espiritual (1564-1570)* – Edición crítica, estudio y notas de Manuel Ruiz Jurado, S. J. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae: 95.

¹⁵ Candido DALMASES, *El Padre Francisco de Borja*. Madrid, 1983, 221.

frequente. Os Jesuítas limitaram-se a integrar a corrente defensora da frequência semanal da comunhão. Quebrantando a unanimidade de pensamento, levantaram-se algumas vozes advogando em favor da prática da comunhão diária. Contra eles, insurgiram-se, imediatamente, outros nomes enfrentando-os de forma contundente. O Ministro Geral dos Franciscanos de Perugia denunciou-os ao Vigário Episcopal. Em Saragoça, espalhou-se a doutrina de que a comunhão frequente preparava o caminho para o inferno.

Qual a posição de Santo Inácio? Pelos seus escritos, podemos concluir que era partidário da comunhão frequente, apoiando-se num argumento convincente: porque coincidia com a prática dos primitivos cristãos. Nos meados do século XVI, surgem as primeiras publicações abordando directamente o problema. Realçamos a publicação de Cristobal de Madrid, intitulada *De frequenti usu Sanctissimae Eucharistiae Sacramenti Libellus*. Uma obra de carácter apologético, mas que dirigia as suas críticas não tanto aos homens da Reforma, quanto aos Católicos que se opunham à comunhão frequente. Convém, portanto, sublinhar dois aspectos: Primeiro, a apologia da comunhão frequente, dentro da Companhia, no contexto do século XVI, não visava qualquer objectivo contra-reformista, mas, tão-só, repor uma prática da Igreja primitiva, apoiada na Patrística e na teologia de S. Tomás de Aquino. Por outro lado, o tema da comunhão deveria ser abordado independentemente da celebração da Eucaristia. Visto que a comunhão era distribuída fora do contexto celebrativo, antes e depois da missa, a qualquer hora da manhã. Daqui surge, naturalmente, a importância da Sagrada Reserva.

Publicamos dois textos elucidativos acerca da frequência da confissão e comunhão nos colégios dos Jesuítas em Portugal:

Entre os estudantes havia neste tempo grande frequencia em se confessarem, nam somente cada mês, conforme o seu costume, mas muitos cada oito dias havendo sempre alguns Padres que particularmente attendiam a consolar e ouvir estes mancebos, que communmente era a prol dos estudos de Coimbra, e so de huma classe havia mais de quorenta, que nam faltavam neste sancto exercicio, confessando, e comungando cada oito dias, e entre elles muitos das escolas superiores da Universidade faziam o mesmo, e geralmente todos buscavam Confessores da Companhia, como se via ao tempo, que preparavam os cursos, onde por obrigação, que el Rey Dom Sebastiam lhe pos, ha de constar per escripto teremse confessado tres vezes no anno quando querem provar. Por que vistos todos os escriptos da confissam de todos os estudantes da Universidade huma vez que nisto o Reitor mandou fazer advertencia, se achou so três nam serem da Companhia. Deste sancto uso do Sacramento da penitencia e da sagrada Comunham tiran estes mancebos tanta graça e esforço pera fazer rosto ao demonio, e vencer as tentações, com que naquella cidade os combate, que hum por se ver livre de huma grave tentaçam, com que o demonio o molestava, depois de lançar mam de

jejuns, cilícios, e disciplinas, que hum Padre da Companhia lhe deu por remedio vendo que nam bastava, como antigamente o benaventurado Sam Bento se foi a hum silvado, e despindo-se se deitou, e resolveu por cima dos espinhos e abrolhos, ficando todo lavado em sangue.

A discussão acerca da conveniência da frequência da comunhão degenerou num conflito em que se envolveram membros de várias Ordens Religiosas.

Mas chegando a cousa as orelhas do serenissimo Cardeal Henrique legado Apostolico latere, pera enfrear semelhante ousadia, e temeridade mandou publicar por todas las Igrejas, e Mosteiros da cidade de Lisboa hum papel, per que encomendava muito a todo o povo a frequencia do sacramento da Confissam, e Comunham, avisando que nenhuma pessoa ecclesiastica secular, ou regular de qualquer Ordem que fosse, presumisse pregar ensinar, ou amoestar o contrário publica ou occultamente, e que qualquer pessoa, que com temeraria ousadia, e presunçam contra isto fosse, soubesse certo, que se havia de proceder contra ella com graves penas, e castigos, segundo sua culpa merecesse nem contente com tapar a boca a gente solta e indevota quis com grandes indulgencias e privilegios da See Apostolica convidar a todos a se confessar, e commungar algumas vezes entre anno; e assi impetrou de Summo Pontifice hum Jubileu plenario pera sempre pera todas as pessoas, que se acharem na cidade, e Arcebispado de Lisboa, que por dia de Natal, Espirito Sanctu Nossa Senhora de Agosto e dia de Todos os Sanctos se confessarem, e commungarem no dia da dita festa, ou em seu oitavario rezando antes ou depois da communham algumas orações em qualquer Igreja, ou oratorio da mesma cidade, e Arcebispado pello prospero estado e conservaçam da Igreja, destruição das heregias, e pola uniam e paz entre os Principes Christaos ganharem e alem da plenaria indulgencia, e remissam de todos seus pecados se concede licença pera poderem escolher confessor aprovado, que os possa absolver de todos seus pecados, nam sendo dos contentos na bulla da Cea, e commutar quaesquer votos, tirando oo de Hierusalem, Roma, e S. Tiago e o de castidade, e religiam.

Este Jubileu tam plenario favoreceo grandemente a devoçam, e frequencia do Sanctissimo Sacramento, pondo silencio, e envergonhando a temeridade daquelles, que a titulo de reverencia, e veneraçam fomentaram o descuido dos que somente de anno em anno forçados da obrigaçam o fazem¹⁶.

Reforçamos o tema da frequência da comunhão, publicando o quadro dos *Dias de Comunhão para os nossos Irmãos*, extraído do “Costumeiro do Colégio de Portalegre”, existente na “Biblioteca Pública de Évora”. Para além da simples

¹⁶ BNL, Cod. 4500 – *Algumas cousas de edificaçam, que se socederam na Provincia (Coimbra) ff. 11-12v.*

calendarização desta prática sacramental, ficamos a conhecer o calendário próprio, com as principais devoções, da Companhia de Jesus, para este colégio, no século XVIII, que não devia diferir, substancialmente, dos outros colégios.

Dias de comunhão para os nossos Irmãos

JANEIRO

- 1 – Dia de Jesus*
- 6 – Dia de Reis*

FEVEREIRO

- 2 – Purificação de N. Senhora*
- 5 – SS. Mártires do Japão*
- 24 – S. Mathias Apostolo*

MARÇO

- 12 – Canonização de N. S. Padre S. Ignacio e Francisco Xavier*
- 19 – S. Joseph*
- 25 – Encarnação*

MAIO

- 1 – S. Phelippe e S. Thiago*
- 3 – Invenção da Santa Cruz*
- 16 – S. João Nepomuceno*
- 24 – S. João Francisco Regis*

JUNHO

- 13 – S. Antonio*
- 21 – S. Luís Gonzaga*
- 24 – S. João Baptista*
- 29 – S. Pedro e S. Paulo*

JULHO

- 2 – Visitação de N. Senhora*
- 25 – S. Thiago Mayor*
- 31 – Dia de Nosso Patriarca Santo Ignacio*

AGOSTO

- 5 – N^a S^a das Dores*
- 10 – S. Lourenço*

15 – *Assumpção de N^a S^a*

24 – *S. Bartholomeu*

SETEMBRO

8 – *Nascimento de N^a Senhora*

21 – *S. Mateus Apostolo*

27 – *Dia da Confirmação da Companhia (S. Cosme e S. Damião)*

OUTUBRO

10 – *Dia de S. Francisco de Borja*

21 – *Onze Mil Virgens*

28 – *S. Simão e S. Judas Tadeu*

NOVEMBRO

1 – *Dia de Todos os Santos*

21 – *Apresentação de N^a Senhora*

24 – *S. Estanislao*

30 – *S. Andre, Apostolo*

DEZEMBRO

3 – *S. Francisco Xavier*

8 – *N^a Senhora da Conceição*

18 – *Espectação de Nossa Senhora*

21 – *S. Thome Apostolo*

25 – *Dia de Natal*

27 – *Dia de S. João Evangelista*¹⁷

Posteriormente, nos séculos XVII-XVIII, os Jesuítas cultivaram outras práticas eucarísticas: Visita ao Santíssimo Sacramento. Francisco de Borja tinha particular devoção a esta prática; devoção das 40 Horas; procissão do Corpo de Deus, que tiveram abundante expressão na iconografia dessas épocas.

A *Devoção à Cruz* ocupa um lugar essencial no contexto da espiritualidade Jesuíta. Para corroborar esta afirmação basta fixar-nos em duas figuras: Santo Inácio de Loiola e São Francisco de Borja.

A qualquer candidato que pretendesse a admissão na Companhia, Santo Inácio apresentava como supremo ideal: *O amor das coisas conforme à Cruz de Cristo e o aborrecimento daquelas que ama o mundo*. Para atingir este ideal

¹⁷ BPE: Cx/1-17 *Costumeiro do Collegio de Portalegre feito aos 20-5-1741. Confirmado pelo M. R. P. Provincial Joseph Moreyra.*



Fig. 6 – Santo Inácio de Loiola e S. Francisco de Borja e Alegoria da Eucaristia. Juan de Valdés Leal. Museu de Belas Artes de Sevilla.

propõem-se dois meios: paciência no sofrimento e abnegação de si próprio (n^{os} 101-103). Numa conversa com o P.^e Jerónimo Nadal, Santo Inácio tem este desabafo: *Mestre Nadal, desejai sofrer injúrias, trabalhos, ofensas, vitupérios, passar por louco, ser desprezado por todos, ter cruz em tudo por amor de Cristo Nosso Senhor; porque nisto está a vida de perfeição, a santidade, a alegria, a consolação espiritual.*

Ainda que a visão de *La Storta* apresente um carácter trinitário, o sinal visível a imagem que se evidencia é a de Cristo com a Cruz, proferindo as célebres palavras: *Eu vos serei propício em Roma.*

São Francisco de Borja, melhor que ninguém, cultivou a devoção à paixão de Cristo que redunda no amor à Cruz, explícito, frequentemente, no seu *Diário*: *La vida que dio por mi, la quiero dar por el... Pedir el morir por Cristo... Al pie de la Cruz, estar ofreciendo la vida por Cristo*¹⁸.

O diário escrito aparece assinalado com pequenas cruces que substituem a palavra “cruz”; outras vezes surgem inscritas num círculo ou inseridas no monograma *IHS*. Manuel Ruiz Jurado afirma que, por 33 vezes, expressou no seu diário o desejo de morrer por Cristo: *Estar siempre al pie de la Cruz muriendo*¹⁹.

No séc. XVIII, em 1751, fundou-se no Colégio de Ponta Delgada a Congregação do «Sagrado Coração de Jesus», cuja devoção deriva dos primórdios da Companhia que a assumiu e promoveu com particular empenho.

2.2.3. Devoções Marianas

A *devoção mariana* desempenha um papel discreto na espiritualidade dos Jesuítas, expressa na recitação diária do *Ofício de Nossa Senhora e das Ladainhas*.

No entanto, como em todas as Ordens e Congregações, o percurso histórico da Companhia está vinculado à figura de Maria. Basta recordar que, em 27 de Setembro de 1540, Paulo III aprovou a primeira Fórmula da Companhia de Jesus e, no dia 22 de Abril, do ano seguinte, na Basílica de S. Paulo, diante do altar de Nossa Senhora, Santo Inácio, com os seus companheiros pronunciaram os votos, instituindo-se, nesse dia 22 de Abril, a festa da Virgem Santa Maria, Mãe da Companhia de Jesus, para comemorar o natalício da Ordem.

Santo Inácio manifestou particular devoção à *Virgem Della Strada*, diante da qual orou muitas vezes e celebrou a Eucaristia. Mais tarde, com a construção

¹⁸ *SAN FRANCISCO DE BORJA* ... 81.

¹⁹ *Ibidem*, 75.



*Fig. 7 – Santo Inácio e a sua devoção à Virgem com o Menino.
Jan de Vos. Séc. XVII.*

da igreja do *Gesù*, passou a ter nela um altar reservado. Depois de ter recebido a ordenação sacerdotal, em Veneza, Inácio quis celebrar a sua primeira missa na basílica de Santa Maria Maior, que, para além da relíquia das tábuas da gruta de Belém, guardava o ícone milagroso da *Salus Populi Romani*.

Se Santo Inácio de Loiola está na origem do acercamento da Companhia de Jesus à *Salus Populi Romani*, caberá ao terceiro Geral dos Jesuítas, São Francisco de Borja, assumir esta invocação mariana como uma das devoções prioritárias da Ordem e divulgá-la por todo o mundo. Estando em Roma, São

Francisco de Borja costumava ir, com frequência, em peregrinação, visitar o ícone de Santa Maria Maior, em cuja prática era imitado pelos noviços de *S. Andrea al Quirinale*. Em 1569, Borja obteve um êxito surpreendente ao conseguir aquilo que muitos tentaram, mas não alcançaram: a autorização do Papa Pio V para executar uma cópia artística a partir do original. Cópia que permaneceu, sempre, na Capela do Noviciado de *S. Andrea al Quirinale*, que serviu de modelo para cópias sucessivas²⁰.

É, sobejamente, conhecido o papel decisivo da Companhia de Jesus na elaboração do corpo teológico e iconográfico do Mistério da Imaculada Conceição. Na V sessão do Concílio de Trento, iniciado em 1546, abordou-se o tema da universalidade do pecado original. O Bispo de Jaen, Cardeal Pedro Pacheco, fervoroso imaculista, foi o primeiro dos Padres Conciliares a manifestar-se no sentido de que do Concílio de Trento teria de sair uma definição do Mistério da Imaculada. Imediatamente se levantaram vozes discordantes. O Cardeal Pacheco continuou a insistir e alertou para o facto de que o silêncio do Concílio sobre esta matéria poderia ser interpretado como uma cedência à tese maculista.



Fig. 8 – Imaculada Conceição. Símbolos litânicos. *Missel de Langres, Paris, 1517.*



Pe Diego Laínez. Terceiro Geral da Companhia. Participou no Concílio de Trento.

²⁰ Para um estudo mais alargado deste tema consultar: Fausto MARTINS, *Notícia sobre o autor e a data do quadro da "Virgem de S. Lucas" do Colégio de Jesus de Coimbra*, in "Lusitânia Sacra", 2ª Série, Tomo V. Lisboa: 1993.

Neste momento da discussão, incorporaram-se aos trabalhos de Trento os teólogos Jesuítas Diego Laínez e Alfonso Salmerón. Laínez interveio com um discurso de três horas que acabaria por ser decisivo na redacção do texto conciliar.

Do ponto de vista iconográfico, a partir do Concílio de Trento e finais do século XVI, as representações da Imaculada através das imagens do *Abraço na Porta Dourada*, *Árvore de Jessé*, *Santa Parentela* entraram numa fase de certo declínio, apesar de não constituírem um “erro perigoso”.

O principal responsável por esta alteração iconográfica foi o teólogo Jesuíta de Lovaina, *João Ver Meulen*, conhecido como *Molanus*, que desaconselhava as representações imaculistas do passado, aconselhando, no seu tratado *De Historia Imaginum et picturarum*, que o mistério da Imaculada Conceição devia expressar-se através dos símbolos expressos, fundamentalmente, no livro da Sagrada Escritura, do Cântico dos Cânticos²¹.

O pólo aglutinador da piedade mariana das igrejas da Companhia de Jesus centrava-se nas “Congregações” – nome utilizado pelos Jesuítas para designar a Confraria.

À cabeça de todas elas impõe-se citar a *Congregação de Nossa Senhora da Anunciação*, considerada como a *Prima Primaria Congregatio omnium Congregationum in toto orbe diffusa Mater et Caput*, existente no Colégio Romano, erecta através da Bula Apostólica de 9 de Dezembro de 1584. A primeira notícia da Congregação Mariana, dada pelo Padre Polanco, data de 1563, ao informar que alguns alunos do Curso de Retórica, após o fim das aulas, permaneciam no local, durante algum tempo, recolhidos em oração, diante de um altar. Nos domingos e festas, cantavam as Vésperas.

O Geral Padre Cláudio Aquaviva, em 1587, promulgou as primeiras regras comuns das Congregações Marianas em que se especificaram os fins: *aumento das virtudes e fé cristã juntamente com o progresso dos estudos*.

No *Liber Congregationum Aggregatarum – 1587-1829*, compilado, em 1958, pelo Padre Rufo Mendizábal, que se conserva, em Roma, no “Arquivo Romano da Companhia de Jesus”, apresenta-se o quadro geral das *Congregationes, quae Primae Primariae Congregationi Romanae aggregatae sunt*, assinalando-se o tempo, título, lugar, número de Confrades de cada Congregação. Por primeira vez, que se saiba, apresenta-se, entre nós, o quadro das Congregações da Assistência da Lusitânia, agregadas à “prima primaria” de Roma:

²¹ Joanne MOLANO, *De Historia SS. Imaginum et picturarum, pro vero earum usu contra abusos; Libri quatuor*. Lovanii: Typis Academicis, 1771, 393-394.



*Fig. 9 – Salus Populi Romani. Séc. XII-XIII.
Roma, Basilica de Santa Maria Maior.*

**CONGREGATIONES, QUAE PRIMAE PRIMARIAE
CONGREGATIONI ROMANAE AGREGATAE SUNT²²**

Província de Portugal

TEMPUS		TITULUS	LOCUS	LOCI INTERPRE- TATIO	NUM- MERUS
1600	27-7	Annunt. BMV	FUNCHALLAE	Lus. Funchal	200
1603	7-4	Annunt. BMV	CONIMBRIAE	Lus. Coimbra	252
1603	28-6	BMV ad Nives	CONIMBRIAE	Lus. Coimbra	257
1610	14-8	BMV ad Reges	BRACARAE	Lus. Braga	432
1611	8-10	Nativit. BMV	BRACARAE	Lus. Braga	465
1616	25-6	Reginae Ange- lorum	BRIGANTIAE	Lus. Bragança	572
1617	4-2	Iesus, et Mariae	ULYSSIPONIS	Lus. Lisboa	590
1617	15-12	BMV a Populo	INNODALENSI	Lus. Funchal	611
1619	3-8	Annunt. BMV	PORTUS ALACRIS	Lus. Portalegre	663
1621	9-8	BMV Gaudiorum	BRIGANTIAE	Lus. Bragança	715
1624	5-6	S. Ignatii Loyolae	ULYSSIPONIS	Lus. Lisboa	800
1625	5-9	BMV Vitae	INSUL. S. MICHA- ELIS	Lus. P. Delgada	840
1627	10-2	Assumpt. BMV	BRACARAE	Lus. Braga	913
1627	5-7	BMV a Victoria	INSUL. S. MICHA- ELIS	Lus. P. Delgada	923
1627	2-9	Purificat. BMV	SCALABIS	Lus. Santarém	932
1629	17-6	S. Ignatii	INSUL. S. MICHA- ELIS	Lus. P. Delgada	992

²² ARSI, *LIBER CONGREGATIONUM AGREGATARUM (1587-1829)*.

1632	27-6	S. Francisci Xaverii	INSUL. S. MICHAELIS	Lus. P. Delgada	1084
1632	2-12	BMV a Quietate	SCALABIS	Lus. Santarém	1096
1634	25-7	BMV Lauretanae	INSUL. S. MICHAELIS	Lus. P. Delgada	1160
1642	12	Concep. BMV	FAIALENSI	Lus. Horta	1325
1654	19-11	BMV	S. ANTONII	Lus. Lisboa	1449
1655	13-6	S. Crucis, et Annunt. BMV	PHARENSI	Lus. Faro	1460
1663	S/d	BMV doctrinae	S. ROCCHI	Lus. Lisboa	1511
1663	15-5	Annunt. BMV et S. Francisci Xaver.	COLL. ULISSIPON	Lus. Porto (sic)	1514
1665	11-10	S. Francisc. Xav.	INSUL. S. MICHAELIS	Lus. P. Delgada	1543
1665	11-10	S. Francisc. Xav.	FAIALENSI	Lus. Horta	1544
1666	14-3	Concept. BMV	FAIALENSI	Lus. Horta	1551
1667	7-8	S. Francisc. Xav.	PHARENSI	Lus. Faro	1561
1669	1-1	S. Ignatii Loyolae	EBORENSI	Lus. Évora	1577
1676	S/d	Assumpt. BMV	LUSITANIAE	Prov. Lusitaniae	1626
1688	29-12	S. Francisc. Xav.	SCALABITANO	Lus. Santarém	1770
1693	1-5	S. Antonii Patavinii	Domus Prof. ULISSIPONIS	Lus. Lisboa	1822
1693	1-5	Concept. BMV	BRACHARENSI	Lus. Braga	1823
1693	27-8	S. Francisc. Xav.	PACIS JULIAE	Lus. Beja	1827
1694	26-6	Concept. BMV et S. Luciae V.	S. ANTONII	Lus. Lisboa	1834
1700	16-9	S. Francisc. Xav.	FUNCHALENSI	Lus. Funchal	1890

1701	27-9	S. Francisc. Xav.	PORTALEGRENSIS	Lus. Portalegre	1905
1707	12-11	BMV a quiete	SCALABITANO	Lus. Santarém	1969
1708	15-11	S. Quiteriae V. M.	PORTUENSI	Lus. Porto	1975
1709	4-12	Nativit. BMV et SS. Cosmi et Damiani	PORTUENS'I	Lus. Porto	1983
1711	7-4	S. Francisc. Xav.	PORTIMANENSI	Lus. Portimão	1992
1714	21-3	S. Quiteriae, et 11 M ^a Virginum S. Ursulae	S. ROCCHI	Lus. Lisboa	2018
1714	1-9	BMV a quiete	SCALABITANO	Lus. Santarém	2027
1714	28-11	S. Francisc. Xav.	PORTALEGRENSIS	Lus. Portalegre	2032
1719	14-11	S. Ignatii	ELVENSIS	Lus. Elvas	2068
1720	29-7	S. Quiteriae	PORTALEGRENSIS	Lus. Portalegre	2078
1730	12-1	Annunt. BMV	ANGRENSI	Lus. Angra	2144
1752	30-7	SS. Cordis Jesu et Concep. BMV	S. MICHAELIS	Lus. P. Delgada	2241
1753	7-9	BMV Septem Dolorum, et S. Fr. Xav.	S. ANTONII	Lus. Lisboa	2267
1754	10-3	Nativ. BMV et S. Annae	VILLAE VICOSAE	Lus. Vila Viçosa	2275
1754	18-12	Purific. BMV	PORTUENSIS	Lus. Porto	2292
1758	14-6	Assumpt. BMV	SCALABITANO	Lus. Santarém	2304
1758	16-11	Purificat. BMV	CONIMBRICENSIS	Lus. Coimbra	2309

Deste quadro derivam os principais títulos marianos, espalhados, pelos altares das igrejas dos Colégios Jesuítas, que definem as devoções marianas da Companhia de Jesus em Portugal:

<i>Nossa Senhora da Anunciação</i>	Igreja dos Colégios	Funchal, Coimbra, Portalegre, Lisboa, Angra, Faro
<i>Nossa Senhora dos Prazeres</i>	Igreja do Colégio	Bragança
<i>Nossa Senhora da Boa Morte</i>	Igreja do Colégio	Santarém ²³
<i>Nossa Senhora da Doutrina</i>	Igreja da Casa Prof.	S. Roque
<i>Nossa Senhora das Neves</i>	Igreja do Colégio	Coimbra
<i>Nossa Senhora da Purificação</i>	Igreja dos Colégios	Santarém, Porto, Coimbra
<i>Nossa Senhora da Luz</i>	Igreja do Colégio	Braga
<i>Nossa Senhora da Assunção</i>	Igreja dos Colégios	Braga, Santarém
<i>Nossa Senhora da Conceição</i>	Igreja dos Colégios	Faial, Braga, Lisboa, Ponta Delgada
<i>Nossa Senhora da Natividade</i>	Igreja dos Colégios	Braga, Porto, Vila Viçosa
<i>Nossa Senhora de Loreto</i>	Igreja do Colégio	Ponta Delgada
<i>Nossa Senhora da Vitória</i>	Igreja do Colégio	Ponta Delgada
<i>Nossa Senhora da Vida</i>	Igreja do Colégio	Ponta Delgada
<i>Nossa Senhora do Pópulo</i>	Igreja do Colégio	Funchal
<i>Nossa Senhora dos Anjos</i>	Igreja do Colégio	Bragança
<i>Nossa Senhora dos Reis</i>	Igreja do Colégio	Braga
<i>Nossa Senhora da Piedade</i>	Igreja do Colégio	Lisboa

2.2.4. Devoções hagiográficas

Na sequência do quadro das Congregações Marianas das igrejas dos Jesuítas em Portugal, somos conduzidos, naturalmente, para o tema da devoção dos santos.

Se quisermos manter-nos fiéis à metodologia adoptada até agora, temos de reconhecer que nas fontes primárias da Companhia pouco ou nada se fala

²³ Ainda que o Quadro registe, apenas, a Congregação de Santarém, possuímos referências documentais para a «Congregação da Boa Morte» nos colégios de Braga (1689); Lisboa (1658); Évora (1669); Porto (1734); Coimbra (1734).

da veneração dos santos. No entanto, sabe-se que a praticavam e inculcavam nas suas pregações. A recitação da *Ladainha dos Santos* era prática comum nos colégios. Nadal empenhou-se, de forma particular, por esta devoção, recomendando a presença de imagens sagradas em todas as salas de aula, de forma que os alunos contraíssem o hábito de fazerem as suas orações perante elas. Manifestou, juntamente com Fabro, particular apreço pelas relíquias, na dupla vertente de “confusão dos herejes” e “consolação espiritual dos devotos”.

Nesta linha, Roberto Belarmino, no tratado *De Controversiis Christianae fidei adversus huius temporis haereticos*, entre 1586-1593, expõe o seu pensamento sobre a veneração das imagens e das relíquias que sintetizamos nestes pontos:

- As imagens podem ser objecto de culto sem perigo de cair na idolatria;
- Porque não se crê nelas, como em qualquer ente vivo, mas através delas, honra-se aquilo que representam.
- O fim último transcende sempre o humilde instrumento do sinal-imagem.
- Se os santos merecem um culto (*dulia*) as suas imagens e relíquias transformam-se, apenas, no instrumento desse culto²⁴.

As capelas das igrejas dos Jesuítas são o espelho de veneração dos Santos. Sem a pretensão de sermos exaustivos, limitamo-nos a apontar os mais relevantes:

- *S. Pedro e S. Paulo*: porque Santo Inácio, curado na véspera da sua festa, nutria particular devoção por eles, considerando-os modelos da sua Companhia que se apresentava como seguidora do modelo apostólico. Por isso mesmo, aparecem, em grande relevo, na fachada da igreja do colégio de Jesus de Coimbra.
- *Santos da Companhia*: Cujo movimento devocional arranca com a beatificação de Santo Inácio em 1609. A partir desta data, quem compulsar a documentação dos Jesuítas testemunha os pedidos, em catadupa, ao Geral no sentido de acelerar o processo de canonização, que teve lugar em 1622, juntamente com S. Francisco Xavier. Estes dois santos dominam e estão presentes em todas as igrejas: Como competia, Santo Inácio assume a prioridade, enquanto S. Francisco Xavier atraía maior número de devotos. Basta atentar no número

²⁴ BERLARMINO E LA CONTRORIFORMA – *Atti del Simposio Internazionale di Studi di Sora*, 15-18 Ottobre, 1986. Sora, 1990, 582-584.

de confrarias existentes nos colégios da Assistência da Lusitânia: 7 para Santo Inácio contra 12 de S. Francisco Xavier. Depois de *Santo Inácio* e *S. Francisco Xavier*, seguiam, pela ordem estabelecida, *S. Francisco de Borja*, canonizado em 1671 e *S. Luís Gonzaga*, com *S. Estanislau de Kostka*, elevados à honra dos altares em 1726.

- As restantes devoções hagiográficas estão de certa forma, relacionadas com as Congregações existentes nas igrejas da Companhia:
- *Santo António*: S. Roque;
- *Santa Quitéria*: Porto, Braga, S. Roque e Portalegre;
- *11.000 Virgens*: S. Roque;
- *S. Cosme e S. Damião*: Porto;
- *Santa Ana*: Porto; Vila Viçosa;
- *Santa Luzia*: Lisboa;
- *Santa Bárbara*: Bragança.

Referimos alguns casos pontuais. *Santo António de Lisboa*: Em tempos, fizemos um levantamento sobre a devoção e culto de Santo António na Companhia de Jesus em Portugal, entre os séculos XVI a XVIII. Chegámos a duas conclusões essenciais: o seu culto estava implantado em todos os colégios e casa professa de São Roque, com uma capela própria, “cujos agentes principais coincidiam, sempre, com os homónimos de Santo António «Lusitano»”²⁵.

Santa Quitéria: Com altar próprio e a respectiva Congregação, que atraía os seus devotos nas igrejas dos colégios de Porto, Braga, Portalegre e Casa Professa de São Roque, os Jesuítas transformaram-se nos grandes propulsores do culto da santa bracarense, juntamente com as oito irmãs.

Onze Mil Virgens: Tendo a sua festa marcada para o dia 14 de Outubro, esta devoção espalhou-se por todos os colégios: Coimbra, Évora, Lisboa, Braga, etc. Efectivamente, a devoção de Santa Úrsula e das Onze Mil Virgens adquiriu um pendor genuinamente jesuíta. Teve no P.e Pedro Fabro o promotor inicial e no P.e Crombach, jesuíta, o tratadista mais insigne ao publicar, em 1647, em Colónia, os dois volumes da sua obra, *Ursula Vindicata*, que é, sem dúvida, o melhor e mais vasto estudo sobre o tema, em boa hora, recolhido e traduzido, em 1761, para o castelhano por Fr. Jayme Ferrer, sob o título de *Ursula Laurus*²⁶.

²⁵ Fausto Sanches MARTINS, Devoção e Culto a Santo António “Lusitano” na Companhia de Jesus: séculos XVI-XVIII, in *Carlos Alberto Ferreira de Almeida – In Memoriam*. Porto, 1999, 41-47.

²⁶ Fausto Sanches MARTINS, *A Arquitectura dos primeiros Colégios Jesuítas de Portugal: 1542-1759*. Porto, 1994, 309 e 576.

São Cosme e São Damião: Na igreja do colégio do Porto, os médicos responsabilizaram-se pela criação da Congregação de São Cosme e São Damião, dedicando-lhe uma das capelas laterais. Esta devoção cumpria um dos objectivos do carisma da Companhia de Jesus, a visita e cuidado dos doentes, e, simultaneamente, recordava que as figuras de São Cosme e São Damião sempre estiveram unidas aos Jesuítas visto que a “Confirmação da Companhia”, coincidiu com o dia da festa destes santos, em 22 de Setembro.

Santa Bárbara: Nos começos do século XVIII, os cronistas do colégio de Jesus de Bragança informa-nos, por diversas ocasiões, da introdução do culto de Santa Bárbara nesta cidade e região, que se traduziu na dedicação de uma capela na igreja que os Jesuítas possuíam nesta cidade e de uma segunda erguida na quinta do colégio. Depressa se transformaram em dois pólos de devoção a Santa Bárbara a quem os devotos recorriam para que os libertasse dos efeitos maléficos da queda de raios, frequentes naquela zona²⁷.

²⁷ Fausto Sanches MARTINS, Presença dos Jesuítas em Bragança e introdução do culto e devoção a Santa Bárbara no século XVIII, in *Actas do Congresso Histórico: Páginas da história da diocese de Bragança-Miranda*. Bragança, 1997, 773-782.